

“CORAGEM, ULISSES”: CARTOGRAFIAS SENSÍVEIS DA OBRA “ULISSES, ENTRE O AMOR E A MORTE” DE O.G.REGO DE CARVALHO

Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim*

“No fundo da alma há solidão”

Vanessa da Mata

RESUMO

Este artigo parte de uma proposta de aproximação entre a História e a Literatura, no sentido de analisar a obra literária *Ulisses: entre o amor e a morte, escrita por O. G. Rego de Carvalho*, não no sentido de fazer uma análise histórica da obra ou dos seus personagens, ou ainda uma análise da obra dentro da história literária piauiense. Tem este texto a intenção de utilizar a obra literária *Ulisses*, para pensar conceitos e virtualidades existentes dentro da narrativa, que servem para refletir sobre as dimensões existentes entre a Literatura de Ficção e a História, já que esta também se abre para dimensões importantes como a dos sentimentos e das sensibilidades. Esta cartografia sensível da obra permitiu mapear e refletir aspectos como, solidão, instante, acaso, raiva, esperas, dúvidas, incoerências, devires, que recortam a narrativa literária e permitem perceber a trajetória humana, a partir dos seus sentimentos historicamente construídos e marcados por tristezas, devaneios, desejos e sonhos.

PALAVRAS-CHAVE: História. Literatura. Sensibilidades.

RESUMEN

Este artículo parte de una propuesta de acercamiento entre la Historia y la Literatura, en el sentido de analizar la obra literaria de *Ulises: entre el amor y la muerte*, escrita por O. G. Rego de Carvalho, no en el sentido de hacer un análisis histórico de la obra o de sus personajes, o todavía un análisis de la obra dentro de la historia literaria piauiense. Tiene este texto la intención de utilizar la obra literaria de *Ulises*, para pensar y conceptos y virtualidades existentes dentro de la narrativa, que sirven para reflexionar sobre las dimensiones entre la Literatura de ficción y la Historia, ya que ésta también se abre para dimensiones importantes como la de los sentimientos y de las sensibilidades. Esta cartografía de la obra permitió mapear y reflexionar aspectos como soledad, instante, acaso, rabia, esperas, dudas, incoherencias, devenires, que recortan la narrativa literaria y permiten percibir la trayectoria humana, desde sus sentimientos históricamente construidos y marcados por tristezas, devaneos, deseos y sueños.

PALABRAS CLAVE: Historia. Literatura. Sensibilidades

Introdução

O título acima vem antecipado por uma expressão utilizada pela personagem da tia Julinha quando ela percebe o cansaço de Ulisses ao chegar à fazenda Selga para uns dias de repouso. A expressão denota uma espécie de consolação destinada a alguém que se encontra em estado de fragilidade, que tanto pode ser física como psíquica. Em torno desta preocupação há uma indicação de transitoriedade de forças, haja vista que o receptor da mensagem de encorajamento pode ou não se refazer de sua condição de debilidade. Neste caso, o incentivo pode trazer diversas consequências, tendo em vista que qualquer incentivo depende da capacidade daquele que o recebe para torná-lo força ou esforço.

Ulisses, personagem central do romance escrito por O. G. Rego de Carvalho¹, é aquele que precisa de força a fim de sair dos seus aprisionamentos. A expressão de incentivo dita por tia Julinha é central para perceber que nada estava perdido, mesmo sabendo-se que a narrativa guarda vários dissabores para o personagem. A trajetória de Ulisses é a metáfora da transitoriedade da vida. Para crescermos (não somente em força física) é necessário passarmos por situações que podem nos fortalecer ou fragilizar. Na vida também estamos entre o amor e a morte, já que tais condições são necessárias para vivermos. A morte não é o final da trajetória, mas condição de sua modificação². Morremos várias vezes como Ulisses, não somente pelo amor, mas também por sua busca.

No romance, a prosa utilizada cria o tempo³. O autor organiza a experiência temporal da narrativa valendo-se de pequenos textos, na forma típica dos capítulos de uma novela literária, que constituem a experiência de Ulisses marcada pela perda, pelo medo, pela mágoa e muitas vezes pelo tédio. Mas, é importante notar que, apesar da referência a estes sentimentos, há na obra uma valorização da solidão

*Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Mestre em História do Brasil (UFPI) e Doutoranda da linha de pesquisa de cultura e memória (UFPE). Tem interesse na área de História, literatura e cultura. E-mail: acmbrandim@hotmail.com

¹ Orlando Geraldo Rego de Carvalho (Oeiras, 1930) fez parte do movimento modernista piauiense, responsável pelo lançamento de dois números do Caderno de Letras *Meridiano* (1949). Atualmente é membro da Academia Piauiense de Letras.

² NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret. 2004. p.144.

³ MOTTA, Leda Tenório da. **Proust: a violência sutil do riso**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2007. p.116-117.

enquanto experiência de fuga realizada por um garoto que vive, na primeira parte da narrativa, uma condição de submissão em relação aos seus pais e que procura abrigo na espera de dias melhores, como confia à sua mãe, ao perguntar-lhe, depois de angustioso estado de espírito – “Este natal seremos felizes, mãe?”⁴

Ao período de solidão sobreveio a adolescência, quando suas experiências irão sofrer um alargamento com relação a novos sentimentos, principalmente com relação às novas descobertas, espreita a cada dia nas oportunidades que iam surgindo, principalmente após sua chegada à capital onde se descortinam aventuras e desejos que fazem dele quase um narrador privilegiado em relação à mãe e aos outros irmãos. O acaso e não mais o tédio de lugares pequenos faz com que explore sua condição de jovem, embora ainda limitado pela fragilidade do seu corpo e pela trajetória nostálgica do irmão.

Ulisses precisará de muita coragem ou encorajamento para (re)encantar-se durante o percurso de sua vida, pois as descobertas que realiza guardam condições intrínsecas com seu destino. Suas escolhas, amores, raivas, esperas, dúvidas, o inquietam e o levam para vários lugares, possibilitando que realize movimentos sempre constantes, mesmo que pareçam insignificantes na narrativa, já que tudo não passa de uma trajetória que se estabelece de forma íntima, onde as brechas insinuam mudanças, paradas, retrocessos.

Para mapear estas questões que dizem respeito à solidão, instante e acaso presentes no romance *Ulisses*⁵, necessitei fazer recortes de acordo com o que mais me chamou atenção enquanto leitora. Estes recortes têm a finalidade de possibilitar-me enviar dizeres sobre um clássico da literatura piauiense que de tão conhecido e comentado merece ser revisitado para fazer com que fale, pronuncie outras coisas, murmure outros sentidos. Para organizar estes recortes dividi o texto em duas partes. A primeira denominada “*Procure dormir, que a noite é longa*”! refere-se ao período que antecede a adolescência de Ulisses, quando a solidão encontra refúgio na ausência do pai (que aparece na narrativa velho e doente), da mãe (absorta nos cuidados do marido) e dos outros (irmãos e parentes). A segunda parte “*Espere pelas*

⁴ CARVALHO, O.G.Rego. **Ulisses**: entre o amor e a morte. Teresina: Halley, 1996. p.35.

⁵ A expressão *Ulisses*, na forma itálica, refere-se à obra literária para diferenciar-se de Ulisses (personagem).

calças compridas!” diz respeito às descobertas da adolescência, juntamente com o encantamento do primeiro amor.

Estas duas partes compreendem as cinco divisões realizadas pelo autor, e tem como objetivo produzir um “delírio”⁶ narrativo sobre a obra, fazendo com que apareçam outras passagens, outros sons, sem, no entanto, deturpar aqueles já conhecidos. Este artigo é uma proposta de aproximação da História e da Literatura, não no sentido de fazer uma análise histórica da obra ou dos seus personagens, ou ainda uma análise da obra dentro da história literária piauiense. Tem este texto a intenção de utilizar a obra literária *Ulisses* para pensar conceitos e virtualidades existentes dentro da narrativa, que servem também para pensar as dimensões existentes entre a Literatura de Ficção e a História, já que esta também se abre para dimensões importantes como a dos sentimentos e das sensibilidades. Este é um trabalho de perceber as grandezas do ínfimo⁷ que sorrateiramente existem nos vãos entre o amor e a morte.

II “Procure dormir, que a noite é longa”!

A frase acima é do pai de Ulisses em uma das suas raras aparições na obra. Seu pedido ressoa quase como a frase de encorajamento de Tia Julinha – “Coragem, Ulisses”. Os dois, como que a espreita do que poderia acontecer, recomendam persistência a Ulisses. Imploram que não se martirize, pois a dor é longa, mas serve para manter as luzes que se acendem durante a vigília. Assim como a usina a vapor a certa hora deixaria Ulisses e o pai às escuras no quarto, também chegaria a ocasião em que ambos passariam por transformações significativas.

A imagem da lâmpada elétrica que sorrateiramente vai enfraquecendo o lume até desaparecer no quarto onde Ulisses descansa, após chegar da procissão no morro do Rosário, em Oeiras, parece querer dizer-lhe alguma coisa, que antecipadamente é segredada pelo pai – “Durma”⁸. A condição de sonolência talvez o aquiescesse e, como um milagre, preparasse-o para a noite longa. Dormir é a condição im-

⁶ TRONCA, Ítalo. **Foucault e a linguagem delirante da memória**. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo; ORLANDI, Luiz B. Lacerda. **Imagens de Foucault e Deleuze**. São Paulo: DP&A, 2007. p.200.

⁷ BARROS, Manoel de. **Tratado Geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

⁸ CARVALHO, Op. cit. 1996, p.13.

posta para consolá-lo pelos dias que virão, cheios de esperas e sofrimentos, como são os dias, antes que faça sol ou que as nuvens resolvam parar de sombrear a vida.

Ainda sob os efeitos do conselho dado na noite anterior, esquiva-se o menino sob o irmão José, no outro dia - “Papai anda mal”?⁹ ao surpreendê-lo fechando antecipadamente o estabelecimento comercial do velho. Ante a ausência de resposta do irmão, suas suspeitas são reforçadas, mesmo que o primo Olavo tente persuadi-lo do contrário - “Vais ver que tudo não passa de uma gripe”¹⁰. Somam-se a estes dias noites intraquilas ante a tristeza do diagnóstico do médico sobre o pai ter que se ausentar em viagem em busca de tranquilidade para o coração. A garça voando baixo ao entardecer é a imagem disposta na narrativa para a despedida de Ulisses dos pais, que seguem para a capital. Tal qual a lâmpada, que diminuía sua luminosidade à noite, o coração do menino também mergulhava devagarzinho em momentos de nostalgia e solidão.

A solidão parecia avizinhar-se cada vez mais de Ulisses, não somente pelo aperto que sentia pela longa ausência dos pais, mas também pela falta de notícias deles. Não era comum ficar tanto tempo longe. O segredo sobre a condição de saúde do pai e o conseqüente diagnóstico médico de internação tinham sido situações díspares que o haviam levado a um estado de desequilíbrio. Quando isto acontece, somos levados a elaborar outros conceitos e formas de ver. Tudo isto fazemos em tempos de instantes¹¹, onde confeccionamos nossas resistências. O instante de Ulisses foi a solidão, este espaço-tempo onde o nada moldura a forma, onde o conteúdo é preenchido pela possibilidade. A solidão não é um mal, uma enfermidade, um deslocamento da rotina, é um entre, uma possibilidade de criação¹².

A princípio parece ao leitor que a solidão de Ulisses é nefasta, principalmente por que em seu entorno criam-se várias solidões: a solidão do irmão José (parece sofrer de acessos constantes de depressão), a solidão da irmã (sempre aparece sozinha na narrativa com relação aos outros irmãos e ao pai), a solidão da mãe (sempre distante do mundo dos filhos homens, onde o acesso parece cheio de interdi-

⁹ CARVALHO, Op. cit. 1996, p.15.

¹⁰ Ibidem, p.15.

¹¹ BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo (Campinas): Verus, 2007. p.17.

¹² Ibidem, p.96.

ções), a solidão do pai (devido o agravamento da doença). Seria a família um núcleo onde normalmente emerge a solidão individual e de perspectiva? A narrativa romançada de *Ulisses* dialoga com a incapacidade da família de prover a comunicação, ela aparece como um espaço de proibições, principalmente da fala. Após o retorno dos pais da capital, ante a ansiedade de revê-los, o menino reflete tristemente - “Nada me disseram, e se limitaram a beijar-me a testa”¹³.

Mas, o silêncio da palavra não interrompe o afeto, pois “o silêncio não é ausência da fala, é o dizer-se tudo sem nenhuma palavra”¹⁴. Mesmo contrariado ante a frieza do reencontro com os pais, sente uma enorme quietude simplesmente ao ouvir a voz da mãe, nem que fosse para chamar-lhe atenção diante de tanta inquietação – “Sentem-se direito”¹⁵, sentencia com os mesmos ares de autoridade materna. A solidão havia-lhe confiado que, mesmo em situações de angústia a calma, era uma razoabilidade a ser levada em consideração, pois o que poderia aprender com a solidão, se não fosse vontade de repouso? Sua inquietude, a princípio, foi dando lugar a uma brisa na alma, sentia a “paz descer o coração, a pouco e pouco” até que se sentisse “enlanguescido”¹⁶.

Se a experiência da solidão havia ensinado a Ulisses que a simples voz da mãe poderia lhe trazer novamente alento, o que teria aprendido com os constantes silêncios do irmão José, sempre tão distante e alheio a tudo e a todos? Talvez tenha aprendido que a solidão é um *flamboyant* na paisagem. Era nesta árvore robusta que o irmão gostava de subir para ficar sozinho, até que finalmente lhe confidenciou - “Ulisses, eu tenho medo”¹⁷, disse em estado atônito. Talvez João estivesse a romper o tempo em intuições. Intuir era sua maneira de prever o futuro no instante, desta forma é possível perceber que a literatura compreende o presente como uma dimensão importante para a experiência de desterritorialização temporal¹⁸. O presente é solitário e não uma duração. Somente temos consciência do presente. Esta aporia

¹³ CARVALHO. Op. cit.1996, p.25.

¹⁴ COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.14.

¹⁵ CARVALHO,Op. cit. p.25.

¹⁶ CARVALHO, Op. cit. p.22.

¹⁷ Ibidem, p.70.

¹⁸ PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2007.p.70.

temporal faz com que o tempo limitado ao instante provoque um duplo isolamento: de nós mesmos e dos outros¹⁹.

O tempo solitário só conhece o instante. João pretendia descobrir intuitivamente o último momento, aquele em que o tempo poderia desfazer o que fez. Quem sabe, se o pai tivesse saúde não se sentiria tão sozinho? Talvez se a mãe voltasse e trouxesse sua presença? Se o irmão Ulisses parasse de ser silencioso feito bailarino e corresse com ele? Ou que Amália voltasse no tempo e pudesse para sempre se compor de agoras? Mas tudo era imperfeito, nada poderia ser como queria, porque todos estavam vivendo seus instantes de solidão. Caberia a João apenas o silêncio do *flamboyant*? Talvez este houvesse lhe confidenciado que tudo é perspectiva, pois somente podemos ver com nossos olhos²⁰. Sendo assim a solidão só poderia ajudá-lo a encontrar seu próprio caminho, mesmo que este caminho o levasse ao encontro de outras solidões.

Mas o *flamboyant* havia aprendido com sua experiência de altura que uma vida carrega uma infinidade de possibilidades, dependendo da traquinice, estupidez ou loucura²¹ daquele que a deseja conhecer. A capacidade de ver em várias direções tinha permitido a bela árvore saber que não havia garantias para José, assim como para Ulisses. Ambos teriam que suportar a dor de seus instantes, deveriam passar para o outro lado assumindo suas potencialidades, abrindo-se para uma infinidade de possibilidades, tudo poderia ser esta e aquela²². A solidão havia sussurrado a eles que a vida muda seu percurso em instantes. Não havia certezas; a incerteza passeava escorada em acontecimentos.

A morte do pai numa manhã ensolarada de julho, quando finalmente “encarou o céu e o tempo”²³, mostrou-lhes que não adiantava sofrimentos antecipados, somente se chegava ao fim quando este realmente havia chegado²⁴. O Sofrimento não tinha impedido o adiantar das horas, o acaso havia determinado o instante. Aliás, a violência da separação tinha sido uma quebra na rotina tão grande que Ulisses demora aceitar o fato e, por alguns dias, ainda acredita que o pai está vivo e fala

¹⁹ BACHELARD, Op. cit. p.18.

²⁰ NIETZSCHE, Op.cit. p.222.

²¹ NIETZSCHE. Loc Cit,

²² BAUCHWITZ, O.F. **Do sem-sentido ao além nietzschiano**:o acontecer da arte como apropriação do instante.In:LINS,Daniel(org).**Nietzsche/Deleuze**:arte, resistência.Fortaleza (CE):FCET,2007. p.196

²³ CARVALHO. Op. cit. p.26.

com ele –“Fora não vê que assim acorda o velho”²⁵, diz enraivecido quando vê a criada limpar o quarto e lançar ao fogo os objetos do pai. Ora, tal perspectiva da narrativa lida com uma questão ontológica importante tanto para História como para Literatura, no que diz respeito ao acaso como circunstância capaz de problematizar o sujeito naquilo que tem de temporal, de ambivalente, de contrários²⁶.

Não somente a morte do pai, mas a mudança para outro local e o encontro com o primeiro amor tinham lançado Ulisses entre a fatalidade do amor e da morte. Mas o que existe entre os meios, entre os corredores e as conexões de um e outro? Amar é de certa forma morrer, como morrer é de certa forma viver. Morremos todas as vezes que amamos, pois abandonamos partes do que somos para vivenciar o que o outro é. Vivemos quando morremos, pois a morte, tal qual uma parada abrupta durante o percurso nos conduz para outro estágio de pensamento. Morremos várias vezes durante a vida, mas cada morte refere-se a um instante, a um acaso. Isto enfoca que tanto o sujeito literário como o sujeito histórico não são nada além “de uma sucessão de afetos e impressões, nada senão uma configuração instável de instintos que predominam em determinado momento”²⁷.

Ulisses, assim como o sujeito histórico, vive a incerteza, o excesso, a virtualidade daquilo que nunca chega; daquilo que não cessa de acontecer²⁸. Seu eu se constitui na impertinência do tempo, durante o encontro fortuito e provisório das circunstâncias que vêm ao seu encontro. A solidão do irmão, a distância da mãe, a morte do pai, o encanto por Conceição e a certeza que a amava, impõem-lhe mutações e passam a constituir seu percurso. Seu eu não é um espelho, mas cacos deste, que se esfrelam em devir-silêncio, devir-mágoa, devir-saudade, devir-solidão, devir-encantamento, devir-amor. A História não pode ser apenas um marcador e maquinador temporal, ela deve trazer para o seio de sua narrativa, assim como a Literatura, os devires, o tempo indefinido do acontecimento.²⁹

²⁴ BARROS. Op.cit. p.33.

²⁵ CARVALHO Op. cit. p.30.

²⁶ROCHA, Sílvia Pimenta Velloso. **Tornar-se quem se é: a vida como exercício de estilo.** In:LINS,Daniel(org).**Nietzsche/Deleuze:arte, resistência.**Fortaleza (CE):FCET,2007. p.293.

²⁷ROCHA, Sílvia Pimenta Velloso. **Tornar-se quem se é: a vida como exercício de estilo.** In: LINS, Daniel (org).**Nietzsche/Deleuze:arte, resistência.**Fortaleza (CE):FCET,2007,p.294.

²⁸ PELBART. Op. cit. p.102.

²⁹ Ibidem, p.118.

II “*Esperre pelas calças compridas*”!

O devir se desdobra incessantemente sobre si mesmo, longe da idéia de identidade, privilegia o eu como diferença³⁰. Desta forma, o sujeito é capaz constantemente de reinterpretar-se, reinventar-se, redizer-se. Ulisses, após a morte do pai, diferente do irmão João, que escolhe manter-se alheio a tudo, transforma-se em potência, em vir a ser. Sua entrada na adolescência não tinha sido apenas por conta da mudança de idade, acontecimentos tinham lhe imposto eras. A saída da sua cidade para a capital tinha lhe possibilitado deslocamentos, tanto territoriais como sentimentais.

Encontros tinham sido importantes para Ulisses. O amigo Norberto e o primo Arnaldo tinham lhe possibilitado outras conexões e mostrado que a solidão vivenciada é mais interessante do que a espera por dias que não chegavam. A solidão não é uma unidade, ela é, ao contrário, uma multiplicidade³¹. Ela permite deslocamentos necessários na produção e transformação do eu. Desta forma, é possível pensarmos que toda solidão é presente, assim como todo acontecimento nos prepara para o provisório e o contingente. A desterritorialização sofrida por Ulisses com a doença e a morte do pai; a convivência com o isolamento do irmão; a mudança de casa, primeiro para uma fazenda, que faz com que aprofunde mais sua solidão, depois para aquilo que parecia ser um novo começo, provocam em Ulisses outras configurações. Outro devir-Ulisses era possível?

“Esperre pelas calças compridas”³², havia sentenciado o amigo Norberto, ao perceber que Ulisses ainda usava calças curtas e que isto talvez fosse ser motivo de chacota por parte dos colegas na escola. Durante a espera pelas calças compridas, os amigos divertem-se em gazeações e distrações, permitindo que Ulisses se desfaga da infância em breves instantes de descobertas. Embora ainda se sentisse fraco, sabia que era possível viver. Ulisses surge ansioso por outras experiências, mesmo que estas sejam confundidas com as narrativas escancaradas do amigo sobre mulheres, sexo e, principalmente, possibilidades. As narrativas são capazes de elaborar

³⁰ ROCHA Op. cit.p.293.

³¹ BACHELARD. Op. cit. p.19.

³² CARVALHO. Op Cit, p.52

sentidos novos, pois as palavras guardam perfeições, imperfeições, seduções, afetos, instantes.³³

As intempéries das palavras haviam guardado também vizinhança na vontade de conhecer. Vários locais são minuciosamente cartografados pelo corpo aventureiro de Ulisses como: jardins, ribanceiras de rios, matas, quintas, mercados, praças, ruas. Seu corpo deixa-se ser preenchido pelo vento que antecedia as fortes chuvas, pela água que molha suas incursões aventureiras e desbravadoras, pelo sereno das noites mal dormidas, pelo calor que vinha dos fósforos acesos à noite próximos a seu leito de doente, pela areia que se acumulava em seu corpo procedentes do seu contato com o chão, com os terrenos, as prainhas. Seu corpo era testemunho de seu processo de desterritorialização. Desterritorializar e reterritorializar o desterritorializado³⁴ tinha sido necessário para afirmar sua contingência na fluidez dos afetos e experiências.

Seus afetos eram constantemente afetados por sua experiência. A relação com o irmão José, após tentativa de suicídio por envenenamento, ganha uma dimensão sofrível – “Eu sofria e muito”³⁵, lembra após sentir-se confuso. O sofrimento institui momentos de atordoamento capaz de fazer com que Ulisses reinvente outro corpo forjado na força e na agonia. Se a morte do pai havia contribuído para que inventasse um corpo-aventureiro e mais destemido, o golpe resultante da tentativa de suicídio do irmão cria instantes de perplexidade. Talvez o irmão desejasse por fim em sua solidão solitária, provando que toda intensidade faz na própria vida a experiência da morte e a envolve³⁶.

Anteriormente a esta experiência de quase-morte, o romance é cortado por outra intensidade quando Ulisses, ao ficar febril devido a uma chuva, chega a casa e deseja da mãe cuidados imediatos. Esta quase como a puni-lo pela transgressão deixa os cuidados para outro dia. Este “enfretamento” de poderes aciona no rapaz uma profunda mágoa, capaz de transformá-lo em uma pessoa revoltada pronto para “fazer sofrer” sua mãe. Porém, seu isolamento, a volta atrás em sua decisão de “pu-

³³ REZENDE, Antonio Paulo. **O desacomtecimento e as escrituras do eu**: as coisas e as gentes. Recife, 2008, p.02.

³⁴ Sobre as noções de territorialização e desterritorialização, ver: DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

³⁵ CARVALHO, Op. cit. p.83.

³⁶ PELBART, Op. cit. p.102.

nir” a mãe e a consequente narrativa do perdão, que parte, dos dois, transmuta o personagem em força e coragem. Ulisses havia conseguido uma vitória importante rumo ao seu crescimento. Mas o que ainda poderia acontecer entre os vãos existentes entre a morte do pai, a quase-morte do irmão, e a vida que ganha outros contornos após entender que sua mãe não era culpada por suas atitudes?

Ulisses, após a resolução do irmão de ir para o Seminário, inverte-se em outro devir. Conceição, a prima do amigo Arnaldo, aparece-lhe, em outro momento, parecendo-lhe mais bonita e interessante do que a menina que havia vislumbrado anteriormente. Os encontros com a moça deixam-lhe profundamente inquieto com relação aos seus sentimentos. Será que poderia dizer que a amava? Seu corpo dizia que sim em frequentes noites mal dormidas e ansiosas. Flutuações de sentimentos atravessavam Ulisses. Os acontecimentos tinham lhe trazido muitas perturbações. Era apenas um garoto de quinze anos atravessando longos períodos de inquietações.

O tempo havia lhe beijado em doses de profundo estranhamento e cortado de forma silenciosa, mas contínua. Seu tempo estava agora preenchido pelo encantamento por Conceição, mas antes havia lhe preenchido de tristeza, angústia, solidão, ansiedade, tédio. Suas esperanças haviam novamente sido (re)compostas. Não era mais somente a espera pelas calças compridas, era o desejo por aquilo que denominava de “estranha felicidade”³⁷. O tempo de Ulisses era experimentado na medida de sua vivência, embora sua trajetória na narrativa seja disposta de forma contínua, retilínea, seu tempo era o dos seus sentimentos e das suas experiências. Seu devir estava espalhado pelo seu corpo e sua noção temporal era um fluxo de inquietações.

O corpo de Ulisses também se desterritorializava com as dores, as febres, os tremores, os esfriamentos causados toda vez que via Conceição. Não era mais somente a agonia da doença que lhe causava mal-estar no corpo, sensações de que o peito estava pedrando. Ela havia trazido de volta as insônias, a ansiedade, o alheamento da infância. Sua juventude era um devir suspenso pelos incômodos da sua infância, mas os frequentes encontros haviam-lhe permitido intensificar seu desejo de felicidade, com certeza não perguntaria mais à mãe se seria feliz no Natal.

³⁷ CARVALHO, Op.cit. p.92.

Os sentimentos que sentia por Conceição tinham provocado em Ulisses um processo de estranhamento, capaz de perceber que sua vida havia ganhado outros fluxos, a ponto de notar que “o amor anima as horas vazias e entediadas”³⁸. Mas ser correspondido no amor não foi bastante para conseguir o intento de realizar o romance. A consequente descoberta pelo pai de Conceição de um possível namoro termina por afastá-lo da sua amada. O devir-tristeza-e-mágoa tomam conta novamente de Ulisses. Conceição havia se tornado o suplemento³⁹ prazeroso para seus conflitos internos à deriva. Nada mais era fixo tudo era um constante estado de solvência.

A interdição do relacionamento, mas não sua finitude, já que a amada havia lhe confidenciado seu amor⁴⁰ traz à narrativa uma conotação de que tudo poderia ser possível em um plano posterior que atravessa o âmbito da escrita. A história de Ulisses desdobra-se para uma fronteira além-leitura. O instante de Ulisses estava aberto para outras conexões existentes entre a vida e a morte, embora a narrativa houvesse criado alguns rasgões, sua trajetória é itinerante e guarda correspondência com uma inquietação: o que somos quando o que nos resta é viver com os descompassos, as incertezas, as intempéries?

Conclusão

A obra *Ulisses, entre o amor e a morte* é uma narrativa marcada pela intensidade dos sentimentos. Desta forma, objetivou-se perseguir suas bifurcações, estagnações, avanços e brechas. A atividade de análise realizada neste artigo não partiu do ponto de vista de uma especialista no autor ou no conjunto de sua obra, pelo contrário, são as incursões de uma leitora seduzida pelas dobras existentes entre História e Literatura. Mas o que existe de História em um esforço de experimentar uma obra no sentido de desemaranhar suas linhas, no que diz respeito às relações de força entre a vida e a morte?

³⁸ CARVALHO, Op.cit., p.95.

³⁹ Sobre o conceito de suplemento, ver: LACAN, Jacques. **Seminário 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, 2008.

⁴⁰ CARVALHO. Op.cit. p.99.

Primeiro que a História necessita trazer para sua experiência de tempo o de-
vir; o intempestivo; já que aquilo que nos separa de nós mesmos serve para nos
pensarmos⁴¹ e nada mais importante do que nos pensarmos a partir daquilo que nos
é oferecido, para nos pensarmos, como a literatura de ficção. “Ela sinaliza para
mundos possíveis e propõe um potencial de dever ser e não de um fato, ela abre um
horizonte para além do real”⁴². Uma obra literária, a despeito de toda sua relação
com o âmbito do estilo ou da “escola” é uma produção de visibilidade possível de
cartografar o caos, os sentimentos, as incoerências, os conflitos, os deslizos, que se
insuam no mais elementar do Homem. Se os personagens não são humanos com
toda a carga de matéria que carregamos, são narrativas que expressam o humano;
são humanos narrativizados. Neste sentido, captar suas incursões sob os territórios
enunciativos do texto é potencializar a trajetória humana naquilo que tem de vazão,
de fluido, de contingente.

Em segundo lugar, as relações de força entre a vida e a morte, dão-se no seio
do debate, da escrita. Para Ricoeur⁴³, a escrita é um campo sempre problemático
que ignora seu público e oculta seu leitor. No processo interpretativo confrontam-se
sempre dois mundos: o da obra e o do intérprete (e leitor). Este problema hermenêu-
tico implica uma compreensão que comporta certo apagamento do intérprete em
favorecimento da obra: a necessidade de se desapropriar de seus sentidos pré-
existentes para deixar o texto “falar”, mostrar suas estranhezas, asperezas, fazer
com que haja um choque entre o mundo da obra e do seu intérprete. Esta desapropriação do sujeito obriga-o a dois movimentos que implicam a alteridade e a ipseida-
de. A alteridade implica retirar o texto do seu completo estranhamento e distanciamen-
to, através da leitura, as significações possibilitadas pelo texto, dando-lhe proximi-
dade, fazendo com que exista não naquilo que tranquiliza, mas naquilo que interpela
a diferença. Esta possibilidade de alteridade desaloja o sujeito de sua identidade e
abre-o a novas possibilidades (ipseidade), capaz de refigurar novos sentidos, novas
maneiras de ver.

⁴¹ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 1992.p.114.

⁴² LEENHARDT, Jacques. **As luzes da cidade**: notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Escrita, Linguagem, objetos**: leituras de história cultural. Bauru(SP), 2004, p.152-153.

⁴³ RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000.p.34-35.

Finalmente, a História deve ser capaz de fazer um esforço hermenêutico no sentido de explicar e compreender as conjecturas que se abrem à análise de uma obra literária, já que as intenções do autor ficam sempre inacessíveis⁴⁴. Isto permite entender que construir um texto é uma operação conjectural, pois tudo aquilo a que damos importância, é ela mesma uma forma de conjectura. O texto escrito é um indivíduo; um ser singular onde somente é possível vê-lo por partes. Neste sentido, a História tem muito a que aprender com a Literatura, no sentido de fazer com que o presente se sinta humanizado pelo que passou ou que o ser humano sinta que seus problemas, devaneios, desejos e sonhos⁴⁵ são paradoxos que se realizam nas conexões mais íntimas do ser.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo (Campinas): Verus, 2007.

BARROS, Manoel de. **Tratado Geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BAUCHWITZ, O.F. **Do sem-sentido ao além nietzschiano**: o acontecer da arte como apropriação do instante. In: LINS, Daniel (org). **Nietzsche/Deleuze**: arte, resistência. Fortaleza (CE): FCET, 2007.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. **Um Olhar Rizomático**: tempo, trajeto e devir na obra *As mulheres do meu pai* de José Eduardo Agualusa. Disponível em: <<http://www.entrelugares.ufc.br/>>. Volume 1 nº2.março/agosto, 2009.

CARVALHO, O.G.Rego.**Ulisses**:entre o amor e a morte.Teresina:Halley,1996.

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁴⁴ RICOEUR, Paul.Op Cit, p.41

⁴⁵ BRANDIM,Ana Cristina Meneses de Sousa. **Um Olhar Rizomático**: tempo, trajeto e devir na obra *As mulheres do meu pai* de José Eduardo Agualusa.<http://www.entrelugares.ufc.br/>. Volume 1 nº2.março/agosto, acesso em 01/12/ 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed.34,1992.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LACAN, Jacques. **Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LEENHARDT, Jacques. **As luzes da cidade**: notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Escrita, Linguagem, objetos**: leituras de história cultural. Bauru (SP): Edusc, 2004.

MOTTA, Leda Tenório da. **Proust**: a violência sutil do riso. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

REZENDE, Antonio Paulo. **O desacontecimento e as escrituras do eu**: as coisas e as gentes. Recife, 2008.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. **Tornar-se quem se é**: a vida como exercício de estilo. In: LINS, Daniel (org). **Nietzsche/Deleuze**: arte, resistência. Fortaleza (CE): FCET, 2007.

TRONCA, Ítalo. **Foucault e a linguagem delirante da memória**. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo; ORLANDI, Luiz B.Lacerda. **Imagens de Foucault e Deleuze**. São Paulo: DP&A, 2007.